

Síndrome de Burnout - a interface entre o trabalho na área da educação e na enfermagem

Burnout Syndrome - the interface between work in educational and nursing fields

Síndrome de Burnout - la relación entre el trabajo en el ámbito de la educación y la enfermería

Fernanda Gomes Teixeira*; Mara Regina Santos da Silva**; Gabriela Luvielmo Medeiros***

Resumo

A Síndrome de Burnout se constitui em uma reação à tensão emocional crônica que acomete, principalmente, profissionais das áreas da saúde e da educação, dentre eles, professores e enfermeiros. Este estudo de natureza qualitativa tem como objetivos: a) investigar manifestações sugestivas da Síndrome de *Burnout* entre professores que trabalham na rede pública de ensino fundamental de uma cidade do extremo sul do Brasil; b) refletir sobre o trabalho da enfermagem, com base nos resultados. Os dados empíricos foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com quinze professores. Os resultados foram agrupados em três categorias que representam as dimensões da Síndrome de Burnout referidas pela literatura: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional. O estudo evidencia a interface entre as áreas da educação e da enfermagem no que se refere às características do contexto onde o trabalho destes profissionais é desenvolvido. Destaca-se a contribuição da metodologia qualitativa para dar visibilidade ao interior de cada uma das categorias e a necessidade de ações efetivas que possibilitem o enfrentamento das condições que levam ao desenvolvimento da síndrome de Burnout.

Palavras-chave: docente; educação; enfermagem.

Abstract

Burnout Syndrome is a reaction to chronic emotional tension which happens especially to healthcare and educational professionals, including teachers and nurses. This qualitative study aimed at: a) investigating signs suggestive of Burnout Syndrome among teachers working in elementary public schools in a town in southern Brazil; b) based on the results, to reflect on nursing work. The empirical data were collected through semi-structured interviews with 15 teachers. The results were grouped into three categories representing Burnout Syndrome dimensions referred to in the literature: emotional exhaustion, depersonalization and low professional satisfaction. The study draws attention to the link between the education and nursing fields with regard to the characteristics of the contexts where the work of these professionals is carried out. We highlight the contribution of qualitative methodology in facilitating the observation of each of the categories, and the need for effective actions to deal with the conditions which lead to the development of Burnout Syndrome.

Keywords: faculty; education; nursing.

* Docente de Educação Física. Mestre em Enfermagem. Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul. [feteixeira@brturbo.com]

** Enfermeira. Docente do Programa de Pós Graduação em Enfermagem/Saúde, Universidade Federal do Rio Grande. [marare@brturbo.com.br]

*** Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem/Saúde. [gabylmedeiros@hotmail.com]

Resumen

El síndrome de Burnout constituye una reacción a la tensión emocional crónica que afecta principalmente a los profesionales en las áreas de salud y educación, entre ellos maestros y maestras y enfermeras. Este estudio cualitativo tiene por objeto: a) investigar la clínica sugerente de Burnout entre los docentes que trabajan en escuelas primarias públicas en una ciudad del sur de Brasil, b) basándose en los resultados, reflexionar sobre el trabajo de la enfermería. Los datos empíricos fueron recolectados a través de entrevistas semi-estructuradas, realizadas con quince profesores. Los resultados se agruparon en tres categorías que representan las dimensiones del Burnout se refiere en la literatura: el cansancio emocional, despersonalización y baja realización profesional. El estudio pone de relieve la interrelación entre las áreas de educación y de enfermería en relación con características el contexto donde se desarrolla la labor de estos profesionales. Se destaca la contribución de la metodología cualitativa para dar visibilidad al interior de cada una de las categorías y la necesidad de adoptar medidas eficaces que permitan hacer frente a las condiciones que conducen al desarrollo del síndrome de Burnout.

Palabras clave: docente; educación; enfermería.

Recebido para publicação em: 29.09.09

Aceite para publicação em: 24.07.10

Introdução

A Síndrome de Burnout se constitui em uma reação à tensão emocional crônica, gerada no contexto laboral de trabalhadores que mantêm contato direto e permanente com outros seres humanos. Dentre os profissionais mais frequentemente acometidos pelo Burnout, estão os professores, terapeutas ocupacionais, psicoterapeutas, enfermeiros, policiais e outros vinculados à saúde mental (Carlotto e Câmara, 2007). Trata-se de uma síndrome intimamente ligada às profissões do cuidado e da formação, devendo ser compreendida a partir de um contexto multidisciplinar, envolvendo diferentes níveis de atenção.

Este estudo se propõe a examinar questões relacionadas à Síndrome de Burnout, especificamente junto a profissionais do domínio da educação e utilizar seus resultados para embasar a reflexão sobre esta temática na área da enfermagem. Esta aproximação entre educação e enfermagem deve-se ao fato dos profissionais destas duas áreas vivenciarem com frequência, situações que, segundo a literatura, estão na origem da Síndrome de Burnout.

No desempenho de seu trabalho, esses profissionais enfrentam cotidianamente conflitos, sentimentos de ansiedade e impotência relacionadas ou com a forma como os serviços estão organizados, ou com as características das relações que estabelecem com as pessoas objetos de seu trabalho. Segundo Telles e Pimenta (2009) estas situações decorrem do contato direto e imediato com situações de vida e saúde de seus pacientes até a sobrecarga de trabalho e a precariedade da estrutura física para a realização de suas tarefas.

A prática que tanto enfermeiros, quanto professores, desenvolvem está relacionada com o cuidado e a formação de outras pessoas, o que exige um planejamento regido por normas, regras e metodologias definidas a partir das necessidades dos clientes e, também, dos interesses administrativos institucionais. É uma prática que mobiliza além do manejo de técnicas padronizadas para a manutenção da saúde e a educação formal dos sujeitos, emoções e afetos que interferem na motivação e satisfação dos profissionais com seu trabalho (Telles e Pimenta, 2009). Os elevados níveis de exigência e tensão experimentados nessas duas áreas repercutem de forma negativa nas relações entre enfermeiros e pacientes sob seus cuidados, e dos professores com

seus alunos. Em consequência, o desgaste emocional é experimentado pelos profissionais, desencadeando o que Freudenberg (1974) denominou “Síndrome de Burnout”.

Essa síndrome caracteriza-se através de três dimensões. A primeira, a exaustão emocional, surge quando o trabalhador percebe sua energia esgotada devido ao cuidado diário e o contato direto com os problemas dos clientes, além dos seus próprios. A segunda, a despersonalização, ocorre um “endurecimento” afetivo e o profissional passa a tratar o cliente e seus colegas como objeto, sem envolvimento (Carlotto e Câmara, 2008). A terceira, a baixa realização profissional, está associada com o fato do profissional não perceber seu trabalho como algo valorizado e reconhecido o que gera insatisfação profissional (Carlotto e Câmara, 2008). Para alguns autores, a Síndrome de Burnout ocorre mais frequentemente em indivíduos altamente motivados e jovens. Os trabalhadores mais novos ainda não aprenderam a lidar com as frustrações e com as tensões diárias decorrentes da profissão e reagem ao estresse laboral trabalhando intensamente até que entram em colapso, como confirma um estudo desenvolvido por Santos e Cardoso (2010) junto a profissionais de serviços de saúde mental. Outros autores como Moreira *et al.* (2009) consideram que Burnout pode acometer, também, os profissionais com mais tempo de carreira, visto que se exterioriza após o acúmulo de um estresse crônico, ao longo dos anos de trabalho.

É importante destacar que o impacto desta síndrome pode ser observado sob diferentes perspectivas, visto que não se restringe apenas à vida profissional, mas também a vida pessoal e familiar. De forma similar, a pessoa em Burnout perde o interesse pelas suas atividades diárias dentro de casa, assim como o interesse em lazer e a motivação para a interação com os amigos (Loureiro *et al.*, 2008).

Quando o trabalhador, inserido em uma instituição, encontra um conjunto de tarefas que devem ser cumpridas, devendo a ele somente executá-las, aumenta sua carga psíquica podendo resultar em sofrimento. Segundo Dejours (1992) o sofrimento assume proporções patogênicas quando todas as possibilidades de transformação, aperfeiçoamento e gestão da forma de organizar o trabalho já foram tentadas, restando somente pressões fixas, rígidas, repetitivas e frustrantes, configurando uma sensação generalizada de incapacidade.

Para esse autor, o sofrimento, em geral, está associado às ações mecânicas, relacionadas aos conteúdos ergonômico da tarefa, sendo que, o psiquismo será afetado pela insatisfação originada pelo significado da tarefa a ser executada. Nessas situações, os trabalhadores passam a utilizar estratégias defensivas contra o sofrimento, tentando modificar, transformar e minimizar a percepção da realidade que o faz sofrer. Porém, estas estratégias apenas amenizam, mas não modificam os aspectos geradores do sofrimento presentes na situação de trabalho e ainda favorecem certa alienação do indivíduo em relação à condição desfavorável (Dejours, 1992).

Dentre essas estratégias está o não investimento de energia nas tarefas que precisam desenvolver, a perda de sentido do trabalho que realizam e a indiferença com seus resultados. A partir daí, instala-se uma condição de tensão e sofrimento que o profissional não consegue resolver com os recursos que dispõe, propiciando o desenvolvimento do Burnout (Telles e Pimenta, 2009).

Este estudo foi desenvolvido em uma cidade localizada no extremo sul do Brasil, com população estimada de 200 mil habitantes, na qual existem sessenta e uma (61) escolas municipais, sendo que, a maioria está localizada na zona urbana e desenvolve o ensino fundamental (SMEC). Do total de professores efetivos que em 2007 trabalhavam nessas escolas (1690), um número significativo (142) encontrava-se afastado do trabalho, gozando de licenças diversas. Dentre essas, licença saúde (38), licença para acompanhar familiar doente (12) e licença para tratar de interesses pessoais (09).

Esse alto índice de afastamento foi motivador para a realização deste estudo com os objetivos de: a) investigar manifestações sugestivas da Síndrome de Burnout entre os professores que trabalham na rede pública de ensino fundamental desse município; b), refletir sobre o trabalho da enfermagem com base nos resultados, uma vez que, à semelhança dos profissionais da área da educação, os enfermeiros enfrentam em sua prática cotidiana situações que favorecem o desenvolvimento da Síndrome de Burnout.

Metodologia

Estudo qualitativo, descritivo e exploratório, desenvolvido junto a um grupo constituído de quinze

professores das séries finais do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Rio Grande/Rio Grande do Sul-Brasil, os quais foram identificados pela letra "P" seguida de um número entre 1 e 15, de tal forma a preservar o anonimato de suas identidades. Estes professores trabalham em três escolas localizadas na zona urbana desse município, as quais foram selecionadas considerando a facilidade de acesso para a coleta de dados, a concordância das direções das escolas para a participação no estudo, expressa formalmente, e a necessidade de delimitar o universo dos participantes às exigências de uma pesquisa qualitativa, que utiliza a entrevista como instrumento de coleta de dados.

A escolha desta categoria profissional deveu-se à sua acessibilidade e à proximidade cognitiva dos autores com as situações enfrentadas, pelos participantes deste estudo, uma vez que também são professores (de educação física no ensino fundamental e no curso de enfermagem de uma universidade pública brasileira). Situações estas, onde é comum a sobrecarga de exigências, excessiva jornada de trabalho em decorrência da necessidade de possuírem mais de um vínculo empregatício, a fim de manter uma melhor condição de vida e a falta de reconhecimento profissional, entre outros.

Dentre os quinze professores participantes, oito estavam na faixa etária entre quarenta e quarenta e nove anos; seis entre trinta e trinta e nove anos e apenas um professor com menos de vinte e nove anos. Com relação ao estado civil, oito professores eram casados ou mantinham um relacionamento marital estável e sete eram solteiros, sendo que seis tinham filhos e nove não os tinham.

No que se refere ao tempo dedicado à família, seis professores passavam em média quatro horas diárias junto aos seus familiares, cinco professores entre cinco e oito horas por dia e quatro professores dedicavam-se à família somente nos finais de semana. Todos os professores referiram manter atividades de lazer. A renda familiar dos participantes, em 2006, ano em que os dados foram coletados, variou, aproximadamente, entre quinhentos e mil e cem dólares mensais.

Em relação ao tempo de carreira de magistério: seis professores tinham entre vinte e vinte e cinco anos de docência; um professor com menos de vinte anos de carreira; seis professores estavam na faixa entre dez e quinze anos de magistério. Apenas um professor referiu ter menos de cinco anos de exercício profissional.

Seis trabalhavam somente em uma escola, outros seis desempenhavam suas tarefas em duas escolas e três trabalhavam em três escolas diferentes. Em relação à carga horária semanal, um professor trabalhava vinte horas; um perfazia vinte e quatro horas; outro trinta horas, sete professores lecionavam quarenta horas, um professor quarenta e cinco horas, outro cinquenta horas e três desenvolviam uma rotina de sessenta horas de trabalho durante a semana.

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada, realizada individualmente com os professores, no período de agosto de 2006. Primeiramente, foram coletados dados sócio-demográficos (sexo, idade, renda familiar, estado civil, dentre outros), a fim de caracterizar o perfil dos participantes. Em seguida, foram investigadas questões referentes às três dimensões da Síndrome de *Burnout*, segundo a literatura utilizada: a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização profissional. Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2006).

No desenvolvimento deste estudo foram seguidas as recomendações da Resolução Nº. 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação de um Comitê de Ética, onde foi registrado sob o nº 4466/6 de 2006. Para a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi explicitado aos professores o objetivo da pesquisa e lhes garantido o direito de não participarem, ou de interromperem sua participação no estudo a qualquer momento.

Resultados e discussão

Os resultados deste estudo possibilitaram detectar as três dimensões clássicas da Síndrome de *Burnout* entre os sujeitos participantes. Através dos relatos dos professores observou-se que estes não manifestaram necessariamente características peculiares a todas as dimensões da síndrome, apresentando maior ênfase em uma ou outra dimensão, conforme descrito a seguir:

Dimensão 1: Exaustão Emocional

A exaustão emocional foi relatada pelos professores como resultado do desgaste que vivenciam rotineiramente no cotidiano escolar. Esses

profissionais evidenciaram como um dos elementos primordiais para o surgimento de exaustão emocional o fato dos pais não acompanharem adequadamente o desenvolvimento escolar dos filhos. Em decorrência, os filhos não reconhecem a existência de regras e nem as figuras de autoridade representadas pelos pais e professores. Este comportamento é considerado pelos professores como “sem limites” e decorrente da maneira como a atual geração de alunos está sendo educada, ou seja, com uma ampla permissividade por parte dos pais. Segundo os professores, isto contribui para que os filhos não aprendam a respeitar as normas que possibilitam a convivência social mais salutar. A fala seguinte retrata essa queixa central da dimensão 1:

“Tem piorado bastante o comportamento deles [alunos], dez anos para cá vem mudando muito, não sei se os pais estão trabalhando mais e tentam compensar a ausência sem brigas e eles vão ficando sem limites, sem educação, eles nos tratam muitas vezes sem respeito algum” P. 2

Além dessa permissividade por parte dos pais, o contexto da família também mudou nos últimos anos. As mães que geralmente assumiam o papel de educadoras, hoje trabalham até mais que os pais, reduzindo assim sua participação na vida escolar dos filhos. Destarte, aos professores cabe uma sobrecarga de papéis e tarefas pois assumem, além daquelas inerentes ao seu ofício, também a missão de transmitir os valores e as regras sociais que competiam à família. Nessa perspectiva, o perfil desses professores em especial é de uma classe cujos integrantes já possuem um longo percurso no magistério. Com exceção de um professor, os outros têm mais de dez anos de regência de classe e, com isso, identificam mais facilmente as diferenças que vêm apresentando as sucessivas gerações de alunos.

Decorrente da vivência nesse contexto, os professores se sentem demasiadamente cansados, muitas vezes extrapolando o que poderíamos considerar como “normal” após um dia de trabalho. Além disso, referem sentimentos de tristeza quanto à rotina em sala de aula e não manifestam satisfação de educar, apenas um cansaço sem retorno:

“Atualmente me sinto muito cansado, há dez anos eu tinha outro pique, a minha motivação não é a mesma, as condições de trabalho pioraram muito e foi desgastando a motivação para trabalhar”. P. 2

O acúmulo de papéis também foi mencionado pelos professores como um fator de extrema relevância para o aparecimento de sintomas relacionados à exaustão emocional. Muitos se sentem responsáveis não apenas pela transmissão de conteúdos, mas também pela formação moral de seus alunos. Essa acumulação, sem dúvida, gera um desgaste diário para os professores, fazendo com que se sintam emocionalmente exaustos e desenvolvam sintomas psicológicos e comportamentais que afetam sua vida profissional e pessoal. Soma-se ainda, o aparecimento de sintomas físicos como, por exemplo, insônia, úlceras, dores de cabeça, hipertensão e uso de medicamentos, conforme foi referido por P8 e P15:

“Eu tenho labirintite e pressão alta. É só me incomodar, e isso é quase todo dia, só passa nas férias e nos fins de semana. Tomo remédios a semana toda, mas não adianta nada porque a gente só se incomoda”. P. 8

“Taquicardia, pressão alta. Hoje em dia até essas complicações eu tenho decorrente do colégio. A gente se incomoda tanto que termina tendo reflexos no corpo”. P. 15

Cabe ressaltar que o surgimento de algum dos sintomas relatados não significa, necessariamente, que os professores participantes deste estudo estão desenvolvendo Burnout, mas tal possibilidade não pode ser descartada, uma vez que ao analisar o contexto do profissional, podemos perceber os indícios desta síndrome. Além disso, um fator determinante é a ligação desses sintomas ao trabalho e à conduta que os profissionais em estudo têm manifestado com seus alunos. Benevides-Pereira (2002) conclui que professores com Burnout sentem-se emocional e fisicamente exaustos, estando frequentemente irritados, ansiosos, com raiva e tristes, o que pode ser observado também entre os participantes deste estudo.

Dimensão 2: Despersonalização

A despersonalização vivenciada pelos professores entrevistados manifesta-se através de comportamentos específicos, como a diminuição na afetividade, carinho e paciência com seus alunos, além do distanciamento em relação aos mesmos e aos colegas de trabalho. Os relatos da maioria dos professores fazem referência prioritariamente à falta de afeto e ao

distanciamento como uma das principais ocorrências no relacionamento com seus alunos. De modo geral, consideram essa maneira de agir como uma forma de proteção que os ajuda a suportar a rotina em sala de aula, pois ensinam apenas o necessário e não se expõem além do que consideram “seguro” e “permitido”, como referem P6 e P1:

“Acho que eu poderia ser mais afetiva, sou distante por proteção. Eles são muito agitados e com o passar do tempo aprendi a não me envolver muito. Me afasto para me proteger” P. 6

“Eu acho que meu relacionamento é bom. Podia ser bem melhor, mas eu já vou fechada, têm uns (alunos) que se sentem superiores a ti e tem dias que eles extrapolam, aí eu me fecho para não piorar [...] Antes eu era muito mais maleável, muito mais afetiva, eles mesmos fazem isso ocorrer, fui aos poucos me tornando uma pessoa mais dura, mais rígida.” P. 1

Esse tipo de comportamento dos professores dificulta ou, em alguns casos, impede a construção de uma relação mais próxima com seus alunos, o que precisa acontecer no magistério para que o processo ensino-aprendizagem possa se efetivar. É indiscutível que essa relação proporciona um desgaste emocional maior nos professores, porém neste processo a qualidade da relação professor-aluno é decisiva e imprescindível. Ogeda *et al.* (2003) afirmam que se alunos ou professores não se envolvem, poderá até ocorrer alguma forma de fixação de conteúdo, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa, visto que, é mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo ensino-aprendizagem.

Outra situação vivenciada pelos participantes deste estudo que remete à despersonalização nos mesmos é a diminuição da tolerância e do carinho para com seus alunos. Os profissionais entrevistados relatam a diferenciação entre o tratamento que dispensavam aos alunos no início de suas carreiras e nos dias de hoje:

“A paciência esgota porque não temos retorno do empenho em sala de aula, já fiz várias coisas diferentes para motivar a classe e a resposta dos alunos é sempre a mesma, eles não te valorizam. Então a gente cansa, perde a paciência com quem não quer aprender e o processo de construção perde o sentido. O pior é que a gente só percebe isso depois que se tem mais tempo de magistério, no início a

gente pensa que vai fazer a diferença, mas o tempo passa e a gente percebe que não consegue mudar nada, eles não têm interesse e a gente fica sem paciência e sem carinho...” P. 12

A maioria dos professores mantém tal postura após um longo período de tentativas de desenvolver seu trabalho de uma maneira melhor e refere ter esse comportamento, sem paciência e interesse, como resposta ao comportamento dos alunos, também desinteressados. Além disso, muitos professores relataram que, com o passar do tempo, desenvolveram outras atitudes (mascarar o que realmente sentem) como forma de amenizar os problemas que ocorrem em sala de aula. Complementam, ainda, dizendo não ter mais o desejo de tratar seus alunos de forma carinhosa, pois estão cansados e se mostram exaustos para a troca afetiva com os mesmos:

“Tem vezes que finjo me dar bem com eles, para ver se melhoram um pouco, mas não adianta, eles estão sem interesse e não importa o que eu faça, eles não reconhecem” P. 1

Outra atitude mencionada pelos professores, característica da despersonalização, é o distanciamento no que se refere ao relacionamento com seus colegas de trabalho. Foi constatado que apenas dois professores conservam os laços de amizade com seus colegas, pois consideram ser “mais fácil” trabalhar em um ambiente onde possuem amigos:

“É necessário ter amigos no colégio, preciso saber que tenho com quem contar, me sinto mais amparada ao saber que caso precise tenho amigos, além do que, quando somos amigos, o ambiente é mais informal e podemos descontrair e tentar relaxar às vezes”. P. 3

Chambel (2005) dá sustentação à fala de P3 quando argumenta que a partilha entre colegas permite a cada professor perceber que seus problemas não são exclusivos, e que pode desabafar entre seus pares. Além disso, consideram que em conjunto é possível progredir na resolução de problemas. Contrários a tal posicionamento, todos os outros professores que participaram deste estudo consideram que o relacionamento com os colegas é distante e superficial. Esse comportamento pode estar associado com o fato destes trabalharem em mais de uma escola, com carga horária excessiva e por consequência terem limitado o tempo de convívio com seus colegas.

Carlotto e Palazzo (2006) referem que professores com mais de um emprego têm mais chances de

desenvolver Burnout. Essa propensão é mais acentuada quando o profissional trabalha em dois ou mais estabelecimentos, visto que implica em maior número de deslocamentos, mais tempo para preparação de aulas, maior esforço para adaptação em ambientes distintos, além de restringir o contato com os colegas.

Dimensão 3: Baixa Realização Profissional

Nesta categoria foram reunidas as falas que refletem a baixa realização profissional e os fatores que contribuem para tal condição, incluindo a burocracia e a falta de infra-estrutura no ambiente de trabalho, que dificulta o trabalho do professor; a falta de interesse dos alunos; a desvalorização do trabalho do professor e os baixos salários na área da educação. Esses fatores reduzem a satisfação do professor e evidenciam o sentimento de insuficiência, de baixa auto-estima, reduzindo a eficiência no trabalho e, por conseguinte, a insatisfação profissional (Ogeda *et al.* 2003). A fala seguinte destaca alguns desses elementos:

“Eu gosto do que faço, a única coisa que eu gostaria é que a gente tivesse mais recurso para lecionar, para dar uma aula decente, a gente tem pouco recurso disponível. Às vezes a burocracia impede um trabalho diferenciado, um exemplo disso é que até conseguir um ônibus para ir a algum lugar é difícil, tem que elaborar um projeto, enviar para centenas de pessoas, esperar autorização. No início da carreira a gente faz, depois eu penso que não vou romper com isso tão fácil, só vou me desgastar mais...” P.8

Chambel (2005) refere que atualmente as escolas enfrentam a falta de materiais audiovisuais, de livros, a falta de colaboração dos serviços administrativos, de condições físicas ideais e ausência de autoridade por parte dos órgãos diretivos. Todos esses fatores somados induzem o professor a continuar trabalhando com uma prática pedagógica tradicional e, muitas vezes ultrapassada, o que contribui para a insatisfação profissional.

Outro aspecto apontado pelos professores é a falta de interesse dos alunos, com influencia direta na falta de realização do profissional. Ele sente que seu trabalho não está sendo bem aproveitado, o que gera frustração, como pode ser observado na fala de P.2:

“Às vezes tu prepara uma aula diferente, com música e coisas assim, fica até tarde preparando

aquilo e eles não valorizam, não aproveitam. Então, a gente se sente super desvalorizado...". P. 2 Observa-se que uma importante fonte geradora de baixa realização profissional é o não reconhecimento do papel do professor, também no âmbito da sociedade em geral, dos pais e dos próprios alunos. Para muitos pais, o fato de seus filhos desejarem o magistério como profissão, significa incapacidade de fazer "algo melhor", ou seja, a uma profissão melhor remunerada. As mudanças ocorridas no contexto da educação provocaram transformações no *status* atribuído ao professor, pois nos anos quarenta e cinquenta o professor ocupava uma posição social e cultural elevada. Atualmente esse *status* declinou juntamente com a remuneração, tornando a "vocação para o magistério" e sua cultura desvalorizadas (Gomes e Brito, 2006). As falas abaixo retratam a percepção dos professores acerca do reconhecimento e valorização de sua profissão:

"Pergunta para os pais deles (alunos) se querem que seu filho seja professor... não". P.15

"Dizem sempre que o trabalho [do professor] é importante, mas tu não vê ação, falta na prática eles demonstrarem isso, através de respeito, por exemplo. Acho que na teoria é muito bonito, mas na prática não funciona assim...". P. 6

A percepção depreciativa do próprio professor faz com que ele se sinta realizando um trabalho sem importância, sem reconhecimento. Interessante ressaltar que mesmo com esses argumentos negativos, muitos professores dizem sentirem-se realizados profissionalmente, embora as suas condições de trabalho e remuneração não sejam satisfatórias. Para reafirmar tal posição resgatamos o fato que, neste estudo, apenas um professor referiu o salário como elemento importante para a realização profissional:

"O salário é muito baixo, é vexatório. Precisamos trabalhar em vários lugares, muitas aulas particulares e muito trabalho levado para casa, senão não tem como garantir o sustento da família". P. 11

Embora seja uma questão verdadeiramente importante e até mesmo reveladora do valor social de uma profissão, cabe registrar que os professores que participaram deste estudo, apesar de julgarem necessária uma melhor remuneração para a classe docente, não acreditam ser o fator econômico o principal gerador da insatisfação profissional. Consideram como determinantes para a baixa realização em relação à profissão as

questões relacionadas à burocracia e a ausência de infra-estrutura das instituições escolares, a falta de interesse dos alunos e o não reconhecimento de seu trabalho pela sociedade.

Interface entre o trabalho da enfermagem e dos profissionais da área da educação

Os resultados deste estudo evidenciam a relação entre contextos laborais adversos e o desenvolvimento de estratégias para enfrentá-lo. Da mesma forma, mostram que muitos fatores geradores de estresse são comuns aos professores e aos enfermeiros, o que justifica a investigação na interface entre essas duas áreas do conhecimento, de forma a agregar saberes acerca dos fatores e estratégias por eles utilizadas e visualizar ações para minimizar o sofrimento que a realidade lhes acarreta.

De forma análoga aos professores, os profissionais da área da saúde, especialmente os enfermeiros trabalham constantemente sob uma rotina de pressão, esgotamento físico e longas jornadas de trabalho. Somam-se os plantões noturnos estressantes e o contato diário com a doença, o sofrimento e a possibilidade da morte, que os deixam numa condição propícia para o desenvolvimento da exaustão emocional, característica da Síndrome de Burnout.

Em grande parte das instituições de saúde, as diferentes categorias profissionais (técnicos, auxiliares, enfermeiros) se deparam com a falta de recursos adequados para desenvolver seu trabalho, relações interpessoais conflituosas, dificuldade de conciliar a vida familiar com o trabalho e o não reconhecimento profissional. Em consequência, sentem-se cansados e desencantados com a profissão, o que favorece os índices elevados de afastamentos do serviço, assim como a redução da expectativa em relação ao trabalho e dificuldades para enfrentar as situações cotidianas envolvendo os pacientes, com os quais, muitas vezes criam vínculos de afeto e responsabilidade. Segundo Moreira *et al.* (2009) a falta de autonomia e de poder de decisão dos profissionais de enfermagem, bem como a sobrecarga de tarefas decorrente do acúmulo de responsabilidades, entre outras, podem levar esses trabalhadores a desenvolverem estresse crônico e, conseqüentemente, o Burnout.

Já a despersonalização é mais comumente observada através de distanciamento, na maneira como os enfermeiros interagem com os pacientes sob seus cuidados e com os colegas de trabalho. Essa dificuldade do enfermeiro em estabelecer vínculos afetivos com seus clientes ou com seus colegas pode ser fruto das características estruturais da organização do trabalho que, através de uma padronização do cuidado profissional, dificulta a manutenção de relações de afeto na prática cotidiana desse trabalhador. Nessas condições, leva esses profissionais, muitas vezes, a apresentarem perda da motivação e do comprometimento com os resultados de seu trabalho, assim como ansiedade e irritabilidade (Murofuse, Abranches e Napoleão, 2005).

Da mesma forma, à semelhança com os professores, a baixa realização profissional presente entre os enfermeiros está relacionada, segundo Murofuse, Abranches e Napoleão (2005) com o número reduzido de trabalhadores para desenvolver um número excessivo de atividades e com a baixa remuneração dos enfermeiros, que os obriga a ter mais de um vínculo empregatício, com longas jornadas e sobrecarga de trabalho. Além disso, a falta de infraestrutura, principalmente nos serviços públicos, para desenvolver o trabalho com qualidade e a falta de reconhecimento social de ambas as profissões, sem dúvida contribuem para intensificar os sentimentos de insatisfação profissional.

Notadamente, certos ambientes de trabalho apresentam níveis mais elevados de estresse para enfermeiros. Dentre esses, as unidades de cuidados intensivos, os serviços de oncologia, as unidades de atendimento psiquiátrico e de desintoxicação química. As demandas nessas unidades são de grande complexidade e, segundo Popim e Boemer (2005), exige dos enfermeiros, além da competência técnico-científica, a habilidade na busca de estratégias que lhe possibilitem o enfrentamento do desgaste a que são submetidos em seu trabalho, elevando os riscos do Burnout.

A convivência diária com inúmeras situações potencialmente geradoras de estresse e desgaste emocional, de certa forma, explica porque os enfermeiros, juntamente com os professores são segundo Benevides-Pereira (2002), os grupos de trabalhadores que têm merecido maior atenção nos últimos tempos. Entretanto, cabe destacar que apesar desta constatação pouco se tem evoluído no sentido

de intervir no lento processo que leva ao desencanto e à insatisfação no trabalho.

Considerações finais

A natureza qualitativa deste estudo contribuiu sobremaneira para apreender a complexa relação entre o trabalho e a saúde que se desenrola em grupos sociais e instituições de significativo valor social como os professores e enfermeiros. A grande maioria dos estudos sobre a Síndrome de Burnout utiliza metodologias quantitativas, com obtenção de dados através de questionários estruturados. Certamente esses estudos produziram resultados valiosos que nos permitem dimensionar a extensão desse problema e o impacto que produz tanto para os indivíduos como para as coletividades. Entretanto, importante destacar que a metodologia utilizada foi o que permitiu visualizar a interioridade de cada uma das três dimensões que, segundo a literatura, caracterizam a Síndrome de Burnout.

Ao dar voz aos sujeitos participantes da pesquisa, a abordagem qualitativa viabilizou a compreensão das relações entre os professores e seu trabalho, levando em consideração as características do contexto e do tempo no qual estão imersos. Considerando que tanto esses profissionais quanto enfermeiros são categorias de trabalhadores que, de acordo com a literatura, apresentam elevadas taxas de incidência da Síndrome de Burnout é importante conhecer as particularidades e as necessidades desses profissionais, pois estas são fundamentais para a elaboração de programas de prevenção e de intervenção, com o objetivo de atuar sobre os fatores de risco e buscar soluções baseadas no próprio contexto social e cultural do local de trabalho e de vida em família.

A responsabilidade com relação ao enfrentamento desse problema se intensifica justamente pelo fato do professor desempenhar um papel fundamental no processo do desenvolvimento humano, com a missão de educar para a vida e a enfermagem ter a responsabilidade pelo cuidado da vida e da saúde dos seres humanos, incluindo os trabalhadores.

Referências bibliográficas

- BARDIN, L. (2006) - *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 70.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. (2002) - **Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador**. 2ª ed. São Paulo : Casa do Psicólogo.
- CARLOTTO, M. S. ; CÂMARA, S. G. (2007) - Síndrome de Burnout: uma doença do trabalho na sociedade de bem-estar. **Aletheia**. Vol. 25, p. 203-205.
- CARLOTTO, M. S. ; CÂMARA, S. G. (2008) - Análise da produção científica sobre a Síndrome de Burnout no Brasil. **Psicologia**. Vol. 39, nº 2, p. 159-165.
- CARLOTTO, M. S. ; PALAZZO, L. S. (2006) - Síndrome de Burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Cadernos de Saúde Pública**. Vol. 22, nº 5, p. 1017-1026.
- CHAMBEL, M.J. (2005) - O stress na profissão professor. **Proformar Online** [Em linha]. Nº 7. [Consult. 12 Mar. 2005]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.proformar.org/revista/edicao-7>> .
- DEJOURS, C. (1992) - **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo : Cortez/Oboré.
- FREUDENBERGER, H. J. (1974) - Staff Burnout. **Journal of Social Issues**. Vol. 30, p.159-165.
- GOMES, L. ; BRITO, J. (2006) - Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Ano 6, nº 1, p. 1-14.
- LOUREIRO, H. [et al.] (2008) - Burnout no trabalho. **Referência**. Série 2, nº 7, p. 33-41.
- MOREIRA, D. S. [et al.] (2009) - Prevalence of Burnout Syndrome in nursing staff in a large hospital in south of Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**. Vol. 25, nº 7, p. 1559-1568.
- MUROFUSE, N. T. ; ABRANCHES, S. S. ; NAPOLEÃO, A. A. (2005) - Reflexões sobre estresse e burnout e a relação com a Enfermagem. **Revista Latino-Americana em Enfermagem**. Vol. 13, nº 2, p. 255-261.
- OGEDA, C. R. D. [et al.] (2003) - Burnout em professores: a síndrome do século XXI. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**. Vol. 2, nº 1.
- POPIM, R. C. ; BOEMER, M. R. (2005) - Cuidar em oncologia na perspectiva de Alfred Schutz. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Vol. 13, nº 5, p. 677-685.
- SANTOS, A. F. O. ; CARDOSO, C. L. (2010) - Profissionais de saúde mental: manifestação de stress e burnout. **Estudos de Psicologia**. Vol. 27, nº 1, p. 67-74.
- TELLES, S. H. ; PIMENTA, A. M. C. (2009) - Síndrome de Burnout em agentes comunitários de saúde e estratégias de enfrentamento. **Saúde e Sociedade**. Vol. 18, nº 3, p. 467-478.

